FERNANDO SYLVAN

TEMPO TEIMOSO

LISBOA 74

FERNANDO SYLVAN

Laureado com a Medalha Pereira Passos,
no Brasil, pelos seus esforços a favor
da fraternidade universal.
Foi candidato antifascista pelo Círculo
de Lisboa nas eleições de 1969 para
Deputados à Assembleia Nacional.
No seu primeiro discurso eleitoral, disse,
ao apresentar-se: «Tenho as experiências
de um homem de 50 anos que viveu
mais de 40 convosco na semiprisão
do meu país.» Dirigiu ao Secretário-Geral
da O.N.U., U Thant, uma carta a
condenar o uso de cães-polícias contra
os jovens antifascistas e outra à
Assembleia Nacional para apresentar-se
como peticionário por considerar que

tempo teimoso

Para o João Paulo, no dia dos seus vinte anos, com um abraço,

[illegible]

10-12-1992

O talvez principal do autor

POESIA

Os Poemas de Fernando Sylvan. Porto, 45.
7 Poemas de Timor. Lisboa, 65.
Mensagem do Terceiro Mundo. Lisboa, 72.
Tempo Teimoso. Lisboa, 74.

ENSAIO

Comunidade Pluri-Racial. Lisboa, 62.
Filosofia e Política no Destino de Portugal. Lisboa, 63.
A Universidade no Ultramar Português. Lisboa, 63.
O Racismo da Europa e a Paz no Mundo. Lisboa, 64.
Perspectiva de Nação Portuguesa. Lisboa, 65.
A Língua Portuguesa no Futuro da África. Braga, 66.
Comunismo e Conceito de Nação em África. Lisboa, 69.

Da Pedagogia Portuguesa e do Desvalor dos Exames. Lisboa, 59.
Relação dos Idiomas Basco e Português. Lisboa, 59.
Arte de Amar Portugal. Lisboa, 60.
A Língua e a Filosofia na Estrutura da Comunidade. Lisboa, 62.
O Espaço Cultural Luso-Brasileiro. 2.ª ed. Lisboa, 63.
Obscina Narodov Timora. Moscovo, 64.
Como Vive, Morre e Ressuscita o Povo Timor. Lisboa, 65.
Função Teleológica da Língua Portuguesa. Coimbra, 66.
Aspects of the Folk-stories in Portuguese East Africa. Atenas, 65.
A Verdadeira Dimensão do Verdadeiro Homem. Braga, 69.
A Instrução de Base no Ultramar. Lisboa, 73.

O Ideal Português no Mundo. Lisboa, 62.
Perspectivas de Portugal. Lisboa, 74.

TEATRO

Duas Leis, peça em 3 actos escrita em 49 e representada em 57.
Culpados, peça em 2 actos escrita em 57.

Fernando Sylvan

tempo teimoso

Lisboa 74

DEDICATÓRIA E PREFÁCIO

Estes poemas de 1972, homenagem aos militantes dos partidos e dos movimentos
que à liberdade e à independência dos seus povos entregaram as suas vidas,
correram como puderam, de mão em mão, em arranjos dactilografados.
Clandestinamente. E não teriam razão de reaparecimento, agora em livro impresso
e na mesma ordenação cronológica, se, tempo teimoso, a reimplantação
da Democracia em Portugal tivesse de todo dispensado insistir no desafio
às consciências. Mas a reacção obriga a continuar.
Tempo Teimoso foi escrito ao longo de um ano num quarto de uma casa
desmantelada, não sei bem se ainda com paredes ou não, se com soalho ou não,
se com tecto ou não. Mas sei que dentro desse quarto se sentia uma enorme falta
de ar, um frio intenso e uma angústia de homem a projectar-se inacabado.
A casa desmantelada era Portugal e o quarto o espaço insuficiente onde cada
democrata estava quase isolado. Não se respeitava o povo, nem as ideias,
nem as crenças. Não se respeitava a criança, nem o jovem, nem o velho.
Não se respeitava o trabalhador, nem o soldado, nem o inválido.
Portugal era um país onde não havia liberdade, onde era impossível a alegria
e onde não se praticava a amizade, nem entre os seus, nem com os demais povos.
Um governo desfasado dos supremos interesses humanos e uma polícia política
execrável apoiados no grande capital e num baixo senso colonialista não apenas
impediam Portugal de se cumprir como o expunham à censura, à troça
ou à piedade dos homens e dos povos mais livres.
Mas não foram esses homens e esses povos que vieram libertar-nos de meio
século de opressão fascista e ensinar-nos o caminho da dignidade democrática.
Fomos todos nós quantos, aqui, em África e no Oriente, resistindo à alienação
e votando na independência de Portugal e na das Colónias e na futura aliança
de nações de língua portuguesa, oferecemos a base ao Movimento
que, resgatando a honra das Forças Armadas, derrubou o fascismo
em 25 de Abril de 1974.

Fernando Sylvan

janeiro 72

MUROS

Acabem com o muro de Jerusalém,
acabem com o muro de Berlim!

Acabem com os muros além
e dentro de mim!

janeiro 72

INFÂNCIA

as crianças brincam na praia dos seus pensamentos
e banham-se no mar dos seus longos sonhos

a praia e o mar das crianças não têm fronteiras

e por isso todas as praias são iluminadas
e todos os mares têm manchas verdes

mas muitas vezes as crianças crescem
sem voltar à praia e sem voltar ao mar

janeiro 72

AO MEU PRÓXIMO

Não acredito
que me queiras os passos para me tirares o meu caminho
ou as minhas faces para me bateres
ou o meu coração para me tingires a esperança

Não acredito
que me dês a noite só para eu não ver o sol
ou os pântanos para não firmar um leito
ou os desertos para não sentir a vida

Mas ainda que assim faças não acredito Irmão

janeiro 72

JORNAL

Para me libertar
Compro o jornal.

Cada jornal é um mundo.
E eu busco as notícias que há no mundo.

Para me libertar do que não sei
Leio o jornal.

Mas às vezes, tantas vezes,
Não oiço a voz das letras
E fico-me, indeciso, a soletrar.

Sou eu que não sei ler
Ou o jornal que não fala?

Porquê?

janeiro 72

HINO AO EUROPEU

Deus te criou diferente!
Maior, mais alto!
Tornou-te de seguida o grande pensador,
E nada valerá que qualquer outro pense!
Se é preciso que caminhemos,
Caminharemos no teu rastro,
Puxados por ti,
Que só tu és poder, aventura, ciência, amanhã!

Um meu qualquer avô assim o disse.

Eu, não!

janeiro 72

LIBERDADE

Não me obrigues, Terra!
Não me obrigues, Homem!

Eu sei.
Sou obrigado, Terra, a alargar-te a face.
Sou obrigado, Homem, a mudar-te o rumo.

Eu sei.

Mas fá-lo-ei de mãos dadas com quem quiser.
Como quiser.

janeiro 72

EPOPEIA

Quando o boer
Empoleirado nos pináculos da sua glória
Avistou, lá longe,
Além Atlânticos,
A estátua erguida à Liberdade,
Escarrou no chão da África do Sul.

E desse escarro que foi toda a sua filosofia
Nasceu o apartheid.

janeiro 72

PORTUGAL

Portugal não é só o povo de oitocentos anos vividos
mas também o de oitocentos e oitocentos para viver.
É o que se busca finalmente em fronteiras espirituais mais largas
entre os povos do novo milénio.
O seu estandarte não é já só a Cruz de Cristo
nem o seu missal a biografia do Infante.
Portugal é agora o de novas rotas
para além das de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral
e o de novas esperanças para além das do Quinto Império.
Portugal é agora o que despreza o desprezo de Mouzinho pelos pretos
e o dos homens que se erguem na defesa da liberdade em toda a Terra.

Portugal será maior menor

e pátria das nações de língua portuguesa
que já não cabem n'*Os Lusíadas*.

janeiro 72

LUTA

Pássaro sem espaço
Rio sem leito
Árvore sem floresta

Mas dou sinais de mim!

fevereiro 72

IMPERATIVO

Ergue-te, e caminha!

Quem o disse primeiro?
Adão a Eva ou Cristo
ao Homem?

Ou fora pensamento
já ao criar-se da célula primeira?

fevereiro 72

CONSCIÊNCIA D'ALÉM-MAR

Portugal

Eu sei que insobrevives
e te não encontram
sem as minhas vozes livres

GARANTIA

Quando tiveres coragem de viver em dádiva
Sem te anunciares santificado
E sem te anunciares bondoso
E sem te anunciares verdadeiro,

Quando tiveres coragem de destruir à tua volta
Todos os mitos da santidade
E os da bondade
E os da verdade,

Quando tiveres coragem de defender a Justiça
Sem invocares a Fé
E sem invocares a Moral
E sem invocares a Deus,

Serás forte e serás útil ao Homem!

março 72

MÁXIMA SÓ CRISTÃ

Tem fé
e espera.

E se nada te for dado é

porque do imenso a tua parte é essa.

março 72

CONVOCAÇÃO

Pelos meus nove e dez anos
Gostava de tocar às campainhas dos prédios grandes.
Drrim … drrim … drrim …
Depois, fugia fugia até à esquina, afogueado,
A disfarçar o medo.
Mas às vezes quando tinha mais vontade de viver que de fugir
Voltava para trás e espreitava …
Inquilinos em todos os patamares,
Uns olhando para cima e outros para baixo,
Primeiro rogando pragas ao acaso,
Depois interrogando-se,
Cumprimentando-se tardiamente, oferecendo-se os serviços,
E dando-se de um certo calor alheio.

Tocar as campainhas …
Fiz isso em muitas muitas ruas.

Era o modo que eu tinha de convocar a cidade
A encontrar-se, a perguntar-se, a dar-se as mãos e a dialogar.

abril 72

CICLO DO ALGODÃO

Quando uma flor do algodão
se abre
e se fornece à dor e à nudez de milhões de criaturas

o chão da África estremece.

Em cada flor há a memória
de um escravo preto
morto.

abril 72

FOME

Mulheres e homens
de ventres caídos
e braços e pernas
esfiapados
esqueletos gravados
em semi corpos
impossuídos.

Mulheres e homens
que foram crianças
onde crianças
nascem sem nada.

abril 72

UNIDADE

Irmã branca
beijo-te.

E na sucessão das gerações
ficarás em mim.

dia do trabalho maio 72

ECONOMIA ANTIGA

Cacau
Chá
Café
Açúcar

Algodão
Borracha
Tabaco

Ouro do colonizador

Sepulturas de escravos sem uma flor.

maio 72

JUSTIÇA

Árvore frondosa
Carregada de flores
E também de frutos.

E sobre os que chegam de todos os quadrantes
Caem flores
E caem frutos.
Sem ninguém pedir
E sem ninguém escolher.

maio 72

MEMÓRIA DE HERODES

Em todos os continentes
Há uma aldeia chamada My Lai

E nas aldeias desse nome
Surgem carrascos estranhos interrompendo a madrugada
De maiores esperanças e heroísmos.

Em todos os continentes
Há uma aldeia onde a vida seca
E não refloresce.

As crianças são mortas abraçadas aos pais.

junho 72

POESIA LIVRE

povo sem democracia

alfabeto incompleto
em que as letras não chegam
para escrever igualdade
para escrever liberdade
em nenhum dia

junho 72

JARDINEIRO DO AMOR

Quero regar de sangue os jardins da América.

Ângela Davis:
Deixa-me abrir-te as veias
Sobre a campa de Lüther King.

lisboa dia da raça junho 72

CORRIGENDA

Nenhum povo é grande por ter apenas fastos a contar,

Mas pelas liberdades que souber viver
E pelo amor que tiver para dar.

junho 72

POEMA HORRÍVEL

— Posso falar?
— Não!

cascais junho 72

MEDO

dia a fechar-se
à noite próxima
e um homem
a outro

lisboa julho 72

AULA DE HISTÓRIA

o teu mal
menino velho
foi
a escola que estava nos teus mestres

foram eles
que inventaram
o espelho retrovisor
e elaboraram
as listas de homens célebres

nos jardins da nova escola
há teleobjectivas
e o povo
passa por lá

cascais julho 72

PUDOR

crepúsculo a recolher

a sombra onde

os namorados

estiveram

cascais 6 agosto 72

ETERNIDADE
MEMÓRIA A MEUS PAIS

a beleza
          que fica
da flor
        que murcha

nos olhos
            que morrem

cascais 6 agosto 72

LÁPIDA DE 1945

Caiu ali
a primeira bomba atómica
e ali
a segunda

1 milhão de graus centígrados.

Mas as cidades calcinadas
sobreviveram.

Em Hiroshima e Nagasaki
não pôde ser despedaçado o coração do homem,
nem o amor,
nem a esperança.

E na América?

lisboa 26 agosto 72

MENSAGEM A MEUS NETOS
PAULO JORGE SALOMÉ SÉRGIO FERNANDA AUGUSTA

pisem com firmeza o chão
mas não os outros

perceptem o futuro
e defendam a natureza viva
e o ar e as águas

pertencerá ao homem
tudo o que tiver acção e movimento

o amor e o próprio tempo

aqui e além
e nos outros planetas também

cascais setembro 72

CLANDESTINIDADE

tomo aqui um café
contigo
sem ti

e falo comigo
de ti
sem ti

mas não digo a ninguém
que tomo sem ti
contigo
um café

e que falo comigo
sem ti
de ti

7 setembro 72

PARADA FANTÁSTICA

o povo forçado converge
na avenida da liberdade
da cidade de lisboa
para ver desfilar
os seus estadistas mascarados de homens

cascais 8 setembro 72

A PAZ

um pensamento de criança
e uma flor incolor
no coração de um homem de esperança

cascais 8 setembro 72

O BALÃO

o menino via a lua
quando a noite estava mesmo nua

e largava o balão
e o balão subia subia contra a lua

o menino continha a profecia do foguetão
e da longa viagem numa estrada nua

setembro 72

NOVOS JOGOS OLÍMPICOS

vamos realizar outra vez
mas já
novos jogos olímpicos

atletas do mundo inteiro
hão-de juntar-se e demonstrar lado a lado
suas capacidades e sua fraternidade continuada

não haverá medalhas nem bandeiras
ou hinos nacionais

cada atleta estará como pessoa toda
irmão de irmão amigo de amigo

e no topo de uma torre alta como nunca
haverá um facho a iluminar
mulheres e homens da áfrica e da ásia
e da oceânia e da europa e das américas

e não haverá bandeiras ou hinos nacionais

cascais 17 setembro 72

O DITADOR

e coroava-se em cada novo dia.

subia

subia

O ditador

Mas despenhou-se.

avenida da liberdade 30 outubro 72

AURORA

Cigano, acorda!
É manhã para todos os homens.

5 novembro 72

AVISO AOS ÍNDIOS

Não vos tiraram tudo.
Deixaram-vos a alma e o futuro.

cascais 7 novembro 72

2.º JURAMENTO DE GALILEU

Declaro-me convencido
de que a Terra não tem movimento
e o Homem também não.

E por isso compreendo haver ainda
quem recuse
que o outro é sempre irmão.

cascais 10 dezembro 72

ACTO DE FÉ

Tenho ouvido dizer
que o povo português
não saberia usar em plenitude
o voto e a liberdade.

Pois juro, ó gentes,
de mão estendida sobre a Carta das Nações Unidas
que não é verdade!

ÍNDICE

os povos de Timor, de onde é natural, não usufruíam da plenitude dos seus direitos cívicos. Por recusar retractar-se do conteúdo do seu poema *Mensagem do Terceiro Mundo*, foi coagido a demitir-se de técnico da Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
Seus interesses principais, o ensino e a pedagogia.
É investigador da Comissão de Estudos Ibéricos da Universidade Federal de Mato Grosso e seu delegado em Portugal. Deu lições nas Universidades de Toulouse e Federais do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Bahia e Paraíba e nos Institutos Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e Nacional de Estudos Pedagógicos do Recife. Foi professor efectivo de Português dos cursos liceal e comercial do LAFOS das Forças Armadas Portuguesas. Apresentou teses no 3.° Congresso da Oposição Democrática de Aveiro, no de Filosofia de Braga, em que presidiu a uma das secções, e em outros realizados também em Portugal e na U.R.S.S. e Grécia.
Dentro e fora do país fez conferências em colectividades populares. Realizou estudos sobre relações inter-raciais em Moçambique, que percorreu totalmente, na Rodésia e na República da África do Sul, tendo sido preso em Johannesburg.
Colabora em jornais e revistas.
Figura em antologias e livros escolares e na medalhística através de uma obra de Nadir Machado editada em 1971.
Poemas seus foram musicados por Joaquim Fernando Caineta para Otília e traduzidos por Barry Lane Bianchi (americano), Inácia Fiorillo (italiana), Maria Carla Oppenheim (suíça), Marie-Louise Forsberg-Barrett (sueca) e Serge Farkas (francês).